

O MAL CRIATIVO DE DOSTOIÉVSKI

Que o russo Fiódor Dostoievski foi um dos maiores escritores de todos os tempos é óbvio. O que pouca gente sabe é que ele deu importante contribuição à neurologia ao descrever, pela boca de vários dos seus personagens, suas constantes crises epiléticas, pintando-as com cores fortes e nos mínimos detalhes.

Mas para compreender o impacto da epilepsia na vida do escritor cumpre saber o que é essa doença, que não se resume apenas a uma perda de consciência acompanhada de espuma nos lábios e convulsões. Essas são as chamadas “crises generalizadas”, que, efetivamente, acometiam Dostoievski.

A epilepsia é, de modo geral, uma disfunção nos mecanismos de comunicação entre as células nervosas, decorrente de diversas causas, como predisposição genética, seqüelas de traumatismos, alcoolismo, tumores etc. É que, normalmente, os neurônios possuem propriedades excitantes e inibidoras que lhes permitem comunicação e organização em redes de enorme complexidade.

O processo de excitação é acelerado quando acontece uma crise, e a transmissão se propaga de um neurônio a outro, sem que o processo possa ser interrompido. Segue-se uma sincronização negativa, uma “tempestade cerebral” nas áreas corticais que, caso atinja todo o cérebro, produz a crise generalizada, com perda de consciência e até coma. Outras crises, no entanto, resultam de sincronizações parciais, limitadas a certas regiões do cérebro, sem a ocorrência de tempestade generalizada.

Essas crises, durante as quais o doente pode continuar consciente e de pé, são chamadas “focais” ou “parciais”, com os sintomas dependendo das regiões afetadas e apresentando grande diversidade: alucinações auditivas, olfativas ou visuais, ações involuntárias, dores generalizadas, sensações viscerais, torpor, paralisia, distúrbios da fala e até orgasmos.

Existem ainda epilepsias, descritas pela primeira vez no século XIX pelo médico inglês John Hughlings, que repercutem nos processos cognitivos do paciente que pode, entre outras coisas, ficar num estado de sonho embora acordado. Suas idéias podem fugir logo que aparecem, ou então sua consciência pode ficar focada numa idéia obsessiva. É aí que ele desenvolve pensamentos de natureza moral, religiosa etc.

Plenitude

Acontece que são referidas também sensações positivas, em que o cérebro do doente é inundado por experiências de alegria e plenitude existencial, às vezes com claras conotações místico-religiosas, no que é denominado de “aura extática”. Essa “aura” envolve fenômenos que anunciam a iminência de uma crise do tipo “grande mal”, ou seja, secundariamente generalizada.

É aí que entra Dostoiévski, quem melhor a descreveu, com riqueza de detalhes e exata percepção do fenômeno, o que até hoje chama a atenção da medicina, que muito se beneficiou com seus textos. Como neste trecho, em que o escritor descreve as auras de Míchkin, personagem central de **O Idiota**:

“Ele sonhou com a fase em que se iniciavam os ataques epilépticos quando esses o surpreendiam em estado de vigília”. Em plena crise de angústia, embrutecimento e opressão, parecia-lhe de repente que o cérebro se agitava e que suas forças vitais tomavam prodigioso impulso. Nesses instantes, rápidos como um relâmpago, os sentimentos da vida e da consciência se decuplicavam nele.

“Seu espírito e seu coração se iluminavam com uma intensa claridade; todas as suas emoções, todas as suas dúvidas, todas as suas preocupações se acalmavam ao mesmo tempo, para se converterem numa serenidade soberana, feita de alegria luminosa, de harmonia e de esperança, em função da qual sua razão se elevava à compreensão das causas finais”.

Na seqüência do romance, a epilepsia salvará Míchkin de ser assassinado. No momento em que Rogojin, seu rival, ia golpeá-lo com uma faca, sobrevém uma crise na quase vítima, fazendo-o fugir como um louco. Já em **Os Irmãos Karamazov**, Smerdiakov assassina o pai simulando uma crise de epilepsia que lhe servirá de álibi. Acontece que, depois de ter cometido o crime, ele é tomado por uma crise verdadeira e muito violenta, enlouquece e se suicida.

Os neurologistas são concordes hoje em diagnosticar a epilepsia de Dostoiévski como do lobo temporal com crises secundariamente generalizadas, afetando primeiramente as partes profundas dos lobos temporais. As descargas sincrônicas produzem a aura extática, propagando-se em seguida para o restante do cérebro, provocando perdas de consciência e convulsões. A epilepsia nos lobos temporais pode produzir efeitos muito variados, tanto que Dostoiévski escreveu a um irmão dizendo sofrer “de todos os tipos de crise”.

Em estado de quase sonambulismo, o escritor era capaz de enrolar vários cigarros seguidos e levantar-se para fechar uma janela. Algo parecido é narrado em **Os Demônios**, quando o conspirador Starvoguín pega, de repente, um senhor pelo nariz e o conduz assim durante uma recepção social, tornando-se depois incapaz de explicar esse gesto absurdo.

Sabe-se hoje da existência de uma série de fenômenos que se manifestam entre as crises, e todos eles tomavam Dostoievski: aderência excessiva a certas idéias, detalhes e pessoas; tendência compulsiva a escrever (hipergrafia); alto senso de moralidade e preocupação com questões relativas ao bem e ao mal, acompanhadas de idéias místicas e religiosidade; seriedade excessiva; sentimento de culpa e de perseguição; grande emotividade; desinteresse pela sexualidade; crença em um destino pessoal fora do comum, no que estava certo.

Antônio de Souza Andrade Filho
William Dunningham

Editores-Chefes
Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria